

As relações políticas para a implantação das emissoras pioneiras de TV no Paraná na década de 1960

OSMANI FERREIRA DA COSTA

Sábado, 29 de outubro de 1960. Às 19 horas daquele dia foi inaugurada oficialmente a Televisão Paranaense, canal 12 de Curitiba, a primeira emissora de TV do estado do Paraná. A concessão para o funcionamento dela pertencia ao advogado e antigo empresário de rádio Nagibe Chede e havia sido assinada, no ano anterior, pelo então presidente da República Juscelino Kubitschek. JK havia igualmente outorgado a licença para entrada no ar da TV Paraná, canal 6 de Curitiba, inaugurada depois, em 19 de dezembro de 1960, pelo grupo nacional Diários e Emissoras Associados, de Assis Chateaubriand.

Desta maneira, com pouco mais de dez anos de atraso em relação a São Paulo – onde a TV Tupi, pioneira na América do Sul, tinha sido inaugurada por Chateaubriand em 18 de setembro de 1950 – foram ao ar, em caráter definitivo, as duas primeiras estações paranaenses de televisão. Outros três canais começariam a operar no estado ainda naquela década de 1960.

Em 21 de setembro de 1963 foi inaugurada, em Londrina, a TV Coroados, canal 3, a primeira do interior do estado e também pertencente ao conglomerado de Chateaubriand, no Paraná representado por Adherbal Stresser e seu filho Ronald Stresser, jornalistas que administravam o Diário do Paraná desde 1955. A concessão fora assinada pelo ex-presidente da República Jânio Quadros.

No dia 28 de dezembro de 1967, entrou em funcionamento em caráter definitivo a TV Iguaçu, canal 4 de Curitiba. A concessão dela pertencia ao então governador Paulo Pimentel, e foi outorgada pelo primeiro presidente da República do ciclo militar (1964-1985), marechal Humberto Castelo Branco. A TV Tibagi de Apucarana, canal 11, segunda do interior do Paraná e igualmente pertencente ao grupo do governador Pimentel, foi inaugurada em 26 de julho de 1969. A concessão dela havia sido decretada pelo marechal Arthur da Costa e Silva, segundo presidente da República do período militar.

Estas foram, portanto, as cinco emissoras que entraram em funcionamento durante a primeira década da televisão no Paraná. Este texto pretende, de maneira sucinta, historiar e analisar as relações políticas desenvolvidas entre os empresários de comunicação e autoridades do poder federal que levaram às concessões daqueles canais de TV. Juntamente com uma pequena mas importante bibliografia que será citada à frente, as principais fontes utilizadas para este estudo foram os jornais Folha de Londrina, Gazeta do Povo e O Estado do Paraná, além de quatro entrevistas orais com personagens ligados ao tema.

Para melhor entender o advento da televisão em terras paranaenses e suas implicações políticas é importante retornar a 8 de janeiro de 1954. Naquela data, foi aprovado em Curitiba o Manifesto de Rádio Televisão Paraná S. A., com o projeto dos estatutos daquela sociedade, presidida por seu incorporador e fundador Raul Vaz. O documento foi publicado na íntegra, em anúncio de página inteira, no jornal Gazeta¹, nos dias 14, 15 e 16 de janeiro daquele ano. Apesar do anúncio pago, o jornal nada noticiou jornalisticamente sobre o fato naquele mês e nem nos seguintes.

O mesmo anúncio foi publicado na página 6 de OEPR², no dia 15 de janeiro de 54. Neste jornal, a primeira notícia sobre o movimento pró-televisão em Curitiba foi publicada na página 6 do dia 2 de julho de 1954. Ela não tinha título e estava inserida na coluna semanal “Sintonizando”, especializada em assuntos sobre o mundo do rádio, assinada por N. Castilho: “Temos muita esperança que dentro de breve espaço de tempo, a televisão seja uma realidade para o Paraná. Além da TV Paraná, que continua em organização, confiamos nos progressos da técnica americana. (...)”³ A nota era a quarta de 11 publicadas naquele dia pela coluna; a maioria sobre rádio e radialistas de Curitiba.

¹ Gazeta será a forma abreviada de referir-me ao diário curitibano Gazeta do Povo, neste texto, para economia de espaço. O mesmo anúncio pago foi publicado naquelas datas, respectivamente, nas páginas 7, 7 e 13. Este jornal foi pesquisado no acervo da Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba, nos meses de março e abril de 2009; e fevereiro de 2010.

² OEPR será a forma abreviada de referir-me ao diário curitibano O Estado do Paraná, neste texto, para economia de espaço. Esta fonte foi pesquisada no acervo da Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba, nos meses de maio e junho de 2009.

³ Ao longo deste texto, as citações que aparecem entre aspas são cópias fiéis das referidas publicações de jornais ou livros utilizados como fontes; o que significa dizer que elas não tiveram a possível atualização ortográfica. As citações baseadas em entrevistas orais foram ortograficamente corrigidas e atualizadas, quando isto se fez necessário, mas sem mudar o conteúdo e sentido originais delas.

A Folha⁴ não publicou o referido anúncio do movimento curitibano pró-televisão. A primeira publicação de notícia sobre a possibilidade da implantação de emissora de TV no interior do estado foi publicada em 5 de fevereiro de 1954, na Folha de Londrina⁵. Nela, especulava-se sobre a informação – dada por “fontes autorizadas” – de que haveria a concessão de dois canais de TV para breve instalação em Londrina. Ao final da nota o colunista, que assinava sob o pseudônimo “Radialino”, comentava: “(...) Não somos, entretanto, dos mais otimistas quanto a essa possível realização. Temos que atingir, primeiro, um período de real maturidade radiofônica, par fazermos jús a tal conquista.”

Para utilizar como fontes estes três jornais diários – os mais importantes do Paraná naquele período pesquisado – foram levadas em consideração nesta pesquisa, predominantemente, as orientações metodológicas indicadas pelos historiadores Áureo Busetto e Tania Regina de Luca⁶.

A Gazeta, mais antigo e tradicional diário paranaense ainda em circulação, foi lançado em 1919 pelo advogado alagoano Oscar de Plácido e Silva⁷, que o dirigiu até morrer em 16 de janeiro de 1963. Em 1954, o jornal era em formato standard, impresso em preto e branco e contava com 12 páginas divididas em dois cadernos. Com a morte de Plácido e Silva, a Gazeta passou a ser dirigido pelo advogado e jornalista Francisco Cunha Pereira Filho, que tinha como sócio no empreendimento o advogado Edmundo Lemanski. Depois, em 1969, ambos comprariam de Nagibe Chede a TV Paranaense.

A Folha de Londrina, principal jornal do interior do Paraná no século XX, foi criada em 1948 pelo pequeno empreendedor catarinense João Milanez, que a dirigiu

⁴ Folha será a forma abreviada de referir-me ao diário londrinense Folha de Londrina, neste texto, para economia de espaço. Esta fonte foi pesquisada no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), nos meses de fevereiro e março de 2009.

⁵ A nota foi publicada na coluna “NO MUNDO DO RÁDIO”, na página 3 da edição daquele dia do então único diário de Londrina, cidade localizada no Norte do Paraná, a 390 km da capital Curitiba.

⁶ Busetto trata do tema no artigo “A MÍDIA BRASILEIRA COMO OBJETO DA HISTÓRIA POLÍTICA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E FONTES”, publicado no livro *Dimensões da Política na Historiografia*, organizado por Raphael Nunes Nicoletti Sebrian; e Tania de Luca o faz no texto “FONTES IMPRESSAS – História dos, nos e por meio dos periódicos”, capítulo do livro *Fontes Históricas*, organizado por Carla Bassanezi Pinsky.

⁷ Para aprofundamento sobre a trajetória pessoal e profissional do fundador da Gazeta do Povo, indica-se a leitura do livro *De Plácido e Silva – Ensaio*, de Wilson Bóia.

além do final do período desta pesquisa. Em 1954, o diário tinha formato standard, era impresso em preto e branco e contava com 6 ou 8 páginas, em caderno único⁸.

O Estado do Paraná foi lançado, em 1951, por um grupo de sócios presidido por Fernando Affonso de Camargo. Em maio de 1962, este grupo vendeu o jornal para Paulo Cruz Pimentel⁹, então secretário estadual de Agricultura do governo Ney Braga (PDC). Em 1954, o jornal OEPR era em formato standart, impresso em preto e branco, e contava com 12 ou 16 páginas divididas em dois cadernos.

Para que o advento da televisão no Paraná e suas implicações sejam melhores entendidos, é importante contextualizar as cidades que contariam com as primeiras emissoras. Curitiba, com 261 anos de fundação, tinha em 1954 cerca de 250 mil habitantes; enquanto que em Londrina, com 20 anos de emancipação, viviam aproximadamente 75 mil pessoas¹⁰. Naquele ano, a capital contava com 9 salas de cinema e 7 emissoras de rádio; contra 4 cinemas e apenas uma rádio em Londrina. Em Curitiba circulavam, além da Gazeta e de OEPR, outros dois jornais diários: O Dia, lançado em 1923, e o Correio do Paraná, de 1932. Em Londrina, somente a Folha era publicado diariamente.

Quase todos os grandes anunciantes daquela época estavam presentes, com as mesmas propagandas, nos três jornais pesquisados: Hermes Macedo, Prosdócimo, Madsom, Banco do Paraná e Santa Catarina, Nescafé, Jeep Willys, cigarros da Souza Cruz, cinemas, e bebidas da Brahma e da Antarctica. Eram ainda anunciantes importantes as prefeituras de Curitiba e de Londrina, e o governo do Paraná e suas secretarias estaduais.

⁸ Para saber mais sobre a história da imprensa londrinense e sobre a trajetória pessoal e empresarial de João Milanez, indica-se a leitura do livro *História da imprensa de Londrina (Do Baú do Jornalista)*, de Marinósio Trigueiros Filho e Marinósio Trigueiros Neto.

⁹ Para aprofundamento sobre a trajetória pessoal, profissional e política do ex-governador do Paraná, indica-se a leitura do livro *Paulo Pimentel, momentos decisivos*, de Hugo Sant'Ana.

¹⁰ Os números relativos a população presentes neste texto são baseados em dados disponíveis no site WWW.ibge.gov.br, ou no acervo deste instituto no escritório regional de Curitiba, consultado pelo autor em 6 de abril de 2009. Os números relativos às emissoras de rádio, salas de cinema, outros jornais e eleitores foram conseguidos nos três diários pesquisados: Gazeta, OEPR e Folha.

A TV DE CHEDE: PRESENTE DE JK, VIA PALÁCIO IGUAÇU

Na edição de 11 de julho de 1954, na página 6 inteira, a Folha veiculou a segunda reportagem sobre o futuro da TV no estado. A primeira havia sido publicada em 28 de abril do mesmo ano, na página 3. Em ambas, destaque para a frase que se tornaria o slogan daquele movimento pró-televisão em Curitiba: “Depende de vocês a televisão no Paraná”. O título deste segundo material jornalístico produzido pela sucursal da Folha na capital era: “Dão maiores dividendos que os da indústria pesada, os títulos das estações de televisão”. O que, por si só, denotava o caráter empresarial do empreendimento liderado pelos advogados Raul Vaz e Nagibe Chede.

Entretanto, é no texto introdutório à entrevista de Vaz que o jornalista não identificado, da Folha na capital, dá uma pista sobre a estreita ligação política do movimento pró-TV com a política e poder institucionalizados: “(...) É, sem dúvida, a televisão um milagre de técnica que consagra o gênio do homem. (...) Foi com a visão prática dos enormes lucros que advêm da aplicação de capitais nesse gênero de negócio, que um grupo de capitalistas, tendo à frente o Sr. Raul Vaz, presidente do Tribunal de Contas do Paraná, tomou a iniciativa de fundar uma estação televisora, com sede em Curitiba. (...)” Aí está um indício importante: o homem que lidera o grupo que organiza o movimento pela instalação da TV em Curitiba é presidente do Tribunal de Contas do Estado (TCE) e, portanto, também homem de confiança do governo do Paraná.

Amigo íntimo de Raul Vaz, o advogado e empresário da comunicação Nagibe Chede era, igualmente à época, conselheiro do TCE. Ambos chegaram ao tribunal por convite e nomeação do governador Moysés Lupion (1947-50), o primeiro eleito por voto direto no Paraná, na redemocratização do País pós-Estado Novo (1930-45). De 1951 a 55, quem governou o Paraná foi Bento Munhoz da Rocha (PL). Moysés Lupion (PSD), ligado à imagem de Manoel Ribas, interventor durante o Estado Novo getulista, vence a eleição para seu segundo mandato (1956-60)¹¹.

A lista dos primeiros e principais acionistas do grupo Rádio e Televisão Paraná S/A, que constantemente aparecia nos anúncios do movimento em jornais nos anos de

¹¹ Para aprofundamento sobre a questão de poder, política e governantes paranaenses, na segunda metade do século xx, indica-se a leitura do livro *Paraná: Política e Governo*, de Marion Brepohl de Magalhães.

1954-56, sempre era encabeçada por Raul Vaz, secretário estadual do Interior e Justiça do governador Lupion, e Nagibe Chede. Esta foi a época das primeiras transmissões experimentais de TV em Curitiba. Pouco depois, dizendo-se inconformado com a demora de Chateaubriand em investir na planejada televisão de Curitiba, Chede romperia com o movimento da Televisão Paraná e partiria para criar, em um empreendimento individual, sua própria emissora.¹²

E o sucesso desta empreitada pessoal – com a inauguração da sua TV Paranaense, a primeira do estado em outubro de 1960 – só foi possível devido à estreita relação de Chede com o titular do Palácio Iguaçu, sede do governo do Paraná. Foi o próprio Nagibe Chede quem contou, em detalhes, como e através de quais relações pessoais e políticas ele conseguiu, do presidente JK, a concessão para funcionamento de sua pioneira emissora de TV:

(...) Então, eu procurei o governador do estado do Paraná, que era meu amigo particular, Moysés Lupion, e fiz esta exposição a ele do que estava acontecendo e que só havia uma solução: ou parar ou conseguir um canal do governo federal, para uma estação de televisão. Muito bondosamente, e eu guardo eterna gratidão a esta pessoa, ele conseguiu marcar com o então presidente Juscelino uma audiência no Palácio Guanabara, no Rio de Janeiro. No dia certo e na hora certa, fomos lá ter um contato com ele e fizemos esta exposição ao Presidente, com toda lealdade e com toda franqueza. E ele disse: “Sem problema nenhum, você vai dar ao povo de Curitiba uma estação de televisão; eu vou lhe dar um canal.” E ele chamou o oficial de gabinete dele, que era um oficial da Marinha, não me lembro o nome dele, e fez uma autorização e disse: “Você me entregue isso com a máxima brevidade ao ministro.” Ministro que era o nosso amigo Amaral Peixoto; com quem recentemente, há uns 20 dias atrás, eu tive uma boa prosa com ele, que ele é muito meu amigo já dos tempos da política do falecido sogro dele; que nós éramos getulistas e nossa amizade era daquele tempo. Foi uma amizade tão grande, que quando me casei o Getúlio Vargas me nomeou inspetor federal de Ensino Secundarista em Curitiba; então, é uma velha amizade. Aí, nós fomos procurar o ministro e ele fez um ofício à Comissão Técnica de Rádio¹³, para que fosse designado um canal de

¹² Para aprofundamento sobre esta fase inicial da TV em Curitiba, indica-se a leitura do livro *Pequena História de Grandes Talentos – Os primeiros passos da Televisão no Paraná*, de José Jamur Júnior.

¹³ A CTR, órgão do Ministério da Viação e Obras Públicas, era naquela época a responsável pelos

televisão para a Rádio Emissora Paranaense de Curitiba, que foi o canal 12. Diante da autorização, nós procuramos montar e ela foi inaugurada no dia 29 de 10 de 1960.¹⁴

Durante os anos que antecederam a inauguração da TV Paranaense, os dois jornais curitibanos e o de Londrina deram poucas e superficiais notas sobre o empreendimento; nenhuma delas destacando a proximidade política de Chede com o governador Moysés Lupion. Igualmente foi inexpressiva a cobertura dos três jornais à entrada no ar, em caráter definitivo, da primeira televisão da capital. A Gazeta e a Folha não publicaram reportagem, comentário e sequer nota curta sobre o evento, nos dias que antecederam aquele 29 de outubro de 1960. A Folha só registrou o fato na edição de 1º de novembro, na “Coluna de Rádio e TV”, com uma nota curta e sem título: “Foi inaugurada, sábado último, a primeira estação de televisão do Paraná: TV Paranaense, canal 12. Várias solenidades marcaram o início oficial das transmissões da televisora curitibana.”

A cobertura de O Estado do Paraná foi um pouco mais volumosa, mas só no mês de outubro. Na edição do dia 2, um domingo, uma grande reportagem na página 13 informou que “Monta-se em Curitiba a maior antena parabólica da América do Sul”, que pertencia à TV Paranaense, canal 12. Naquela época, os jornais curitibanos já publicavam anúncios de lojas locais sobre a venda de aparelhos televisores. A inauguração da TV de Nagibe Chede foi noticiada em OEPR somente na coluna social não assinada, “7 Dias na Sociedade”, à página 3, na véspera, no dia 29 de outubro, e no dia seguinte ao evento, mas apenas com pequenas notas sem títulos.

Na capa de OEPR de 30 de outubro de 1960, um domingo, dia seguinte à inauguração da TV Paranaense, o destaque era para o texto “Teleobjetiva e invencibilidade”, que informava sobre a compra pelo jornal de uma “moderna máquina fotográfica que aproxima 300 metros, a única do Paraná, e que foi estreitada ontem no jogo do Coritiba x Ferroviário”. Ilustrava o texto uma foto do referido jogo, feita com a tal nova máquina. Nenhuma linha sobre a primeira televisão do estado.

estudos, regulamentação e fiscalização de concessões de emissoras de rádio e televisão no País.

¹⁴ As declarações de Nagibe Chede constantes neste texto foram retiradas da entrevista gravada concedida por ele, em 1985, ao jornalista Aramis Milak. O depoimento completo, com 76 minutos, encontra-se disponível no *Tablóide Digital*, endereço www.milak.org.

AS TVs DE CHATEAUBRIAND: NEGOCIAÇÕES PELO ALTO

Curitiba possuía, naquele final de 1960, uma população de aproximadamente 360 mil habitantes, dez emissoras de rádio, seis jornais diários¹⁵ e 15 salas de cinema. O grupo Diários e Emissoras Associados, de Assis Chateaubriand, dono da pioneira TV Tupi de São Paulo, estava presente em Curitiba desde março de 1955, quando começou a circular o Diário do Paraná, editado pelo jornalista Adherbal Stresser. Chateaubriand¹⁶ já estava consolidado como um dos maiores empresários de comunicação da América Latina, quando inaugurou em Curitiba, no dia 19 de dezembro de 1960, a TV Paraná, canal 6.

Apesar de toda a movimentação de empresários, políticos e profissionais liberais de Curitiba, dentro do movimento pró-televisão desde 1954, é bem provável que a concessão para a segunda emissora do estado tenha sido conquistada, exclusivamente, pelo poder de influência política de Chateaubriand. Afinal, a concessão foi assinada pelo presidente Juscelino Kubitschek, que em 1957 havia convidado aquele empresário da comunicação e aliado político para o cargo de embaixador do Brasil na Inglaterra. Para aceitar a tarefa e ir morar em Londres, Chateaubriand renunciou ao mandato de senador pelo PSD – mesmo partido de JK – do Maranhão.

O jornalista Walmor Macarini, sobrinho do fundador da Folha de Londrina, João Milanez, foi durante quase 30 anos diretor de redação daquele diário, onde durante as décadas de 1960 e 70 também escreveu colunas especializadas em rádio e televisão. Na opinião dele, Chateaubriand não necessitou, não pediu e nem teve apoio do Palácio Iguaçu – ao contrário do que ocorrera com Nagibe Chede – para conseguir as concessões de suas duas TVs no Paraná: “Quem cuidou de tudo sozinho foi o Chateaubriand, primeiro direto no Rio de Janeiro e depois, no caso da Coroados, em

¹⁵ Além da Gazeta do Povo e de OEPR, circulavam diariamente na capital paranaense os jornais O Dia, Correio do Paraná, Diário do Paraná e a Tribuna do Paraná.

¹⁶ Para aprofundar o entendimento sobre a vida pessoal, política e empresarial do paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, indica-se a leitura do livro *Chatô – O rei do Brasil*, de Fernando Morais.

Brasília. Ele tinha muito poder de fogo. (...) Ele tinha um poder político muito forte. (...) Ele não precisava de mais ninguém.¹⁷

Ronald Stresser, que durante as décadas de 1950, 60 e 70 trabalhou como jornalista e diretor de empresas dos Diários e Emissoras Associados, em Curitiba e Londrina, tem avaliação semelhante à de Macarini. Para ele, Chateaubriand conseguiu a concessão da TV Paraná, junto ao presidente JK, sem qualquer tipo de intervenção do Palácio Iguazu e do então governador Moysés Lupion. Na TV Paraná, Ronald era diretor superintendente, enquanto que o pai dele, Adherbal Stresser, era o vice-presidente.

Depois, na TV Coroados, inaugurada pelo grupo de Chateaubriand em Londrina em 21 de setembro de 1963, Ronald Stresser era diretor administrativo, enquanto o pai dele era o diretor superintendente. Foi o próprio Ronald quem esteve em Londrina para comprar o terreno onde a sede da futura emissora seria construída e montada, no início dos anos 60. ``Não acredito que o Ney Braga e o Palácio Iguazu tenham colaborado para que o Chateaubriand conseguisse a concessão da TV Coroados junto ao presidente Jânio Quadros. Chateaubriand não precisava deste tipo de ajuda e, aliás, ele nem gostava de Ney Braga.¹⁸

No Paraná, a TV Coroados foi a última que teve concessão outorgada antes da aprovação da lei número 4.117, de 27 de agosto de 1962, que instituiu o Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT); e do decreto 52.795, de 31 de outubro de 1963, que regulamentou os serviços de radiodifusão no país. Porém, depois houve o golpe militar de 1964 e o decreto-lei número 236, de 28 de fevereiro de 1967, modificou e complementou a lei do CBT.¹⁹

¹⁷ A entrevista gravada concedida por Walmor Macarini ao autor deste artigo aconteceu em Londrina, no dia 10 de fevereiro de 2010, na casa do entrevistado; dela foram extraídas as declarações daquele ex-diretor da Folha constantes neste texto.

¹⁸ A entrevista gravada concedida por Ronald Sanson Stresser ao autor deste artigo aconteceu em Curitiba, no dia 13 de agosto de 2010, no apartamento do entrevistado; dela foram extraídas as declarações daquele ex-diretor das TVs Paraná e Coroados constantes neste texto.

¹⁹ Para aprofundamento sobre a legislação brasileira pertinente ao setor dos meios de comunicação de massa, indica-se a leitura do livro *A mídia nas constituições do Brasil: respeito e desrespeito*, de Erasmo de Freitas Nuzi.

A cobertura dos três jornais pesquisados à inauguração da TV Paraná foi quase nula, talvez devido ao fato da nova emissora pertencer ao grupo de Chateaubriand – que possuía em Curitiba o jornal Diário do Paraná – e ser, portanto, um concorrente comercial. A Gazeta e OEPR não deram sequer uma linha sobre o fato. O leitor da Gazeta só ficou sabendo que existia uma nova televisão em Curitiba em 18 de janeiro de 1961, quando foi publicado na página 9, pela primeira vez, um quadro com a programação completa das duas emissoras curitibanas de televisão.

A Folha de Londrina também não noticiou antecipadamente a inauguração do canal 6 de Curitiba. Somente na edição de 30 de dezembro de 60, como se o leitor já soubesse do fato, a “Coluna de Rádio e TV” deu esta notinha sem título e confusa: “A TV Paraná, de Curitiba, está com excelente imagem, segundo se informa. Tal é a intensidade do sinal que é, inclusive, aconselhado aos telespectadores o uso de antenas internas, e não, como é necessário, externamente.”

A entrada da TV Coroados no ar em caráter definitivo foi, também, quase que completamente ignorada pelos dois jornais de Curitiba. A coluna “Rádio e TV”, da Gazeta do Povo, deu apenas uma notinha sobre a “primeira televisão do Norte do Paraná, através do canal 3”. Não citou sequer o nome da nova emissora, muito menos o grupo de Chateaubriand, proprietário da Coroados e da Rede Tupi de televisão. O Estado do Paraná não publicou uma linha sobre o fato.

A Folha de Londrina, por sua vez, recebeu com entusiasmo a chegada da TV Coroados, à qual chamou de “símbolo do progresso”. Durante os meses que antecederam a inauguração do canal 3, o jornal publicou diversas reportagens a respeito da expectativa da população, sobre o andamento da montagem da emissora, os testes e o funcionamento experimental. Londrina tinha naquela época cerca de 160 mil habitantes, 7 emissoras de rádio, 5 salas de cinema e somente a Folha como jornal diário. Durante o mês de setembro, a Folha deu ampla cobertura à TV Coroados, antes, durante e depois da inauguração. Sempre com extensas e elogiosas reportagens, fotografias, notas sociais e comentários. Até um editorial foi dedicado ao tema, no dia 22 de setembro à página 2, sob o título “TV-Coroados”, em que elogiava-se a grandeza e desenvolvimento de Londrina e ressaltava que menos de 20 cidades brasileiras contavam com televisão.

AS TVs DE PIMENTEL: DOS MILITARES, COM CARINHO

O golpe militar de 1964, cujo governo duraria até março de 1985, encontrou instalado no Palácio Iguçu como governador o já reformado general-de-brigada Ney Braga (PDC)²⁰, ex-prefeito de Curitiba. Um de seus secretários estaduais, o da Agricultura, era Paulo Pimentel, advogado paulista que viera ao Paraná, dez anos antes, porque havia se casado com uma filha de um usineiro de açúcar em Porecatu, no Norte do Paraná.

Em 1962, Pimentel comprou, de um mesmo grupo de empresários, dois jornais diários de Curitiba: O Estado do Paraná, lançado em 1951, e a Tribuna do Paraná, em circulação desde 1956. A entrada de Pimentel para o ramo dos negócios da imprensa se deu por motivação política e de modo planejado. Ele já tinha como objetivo uma futura candidatura ao governo do estado, como admitiu mais tarde no livro que descreve suas memórias, citado na nota de rodapé número 10, e em entrevista ao autor deste texto.²¹ Pimentel lembra que ainda era secretário estadual de Agricultura, no segundo semestre de 1964, quando ganhou a concessão para a sua primeira emissora, a TV Iguçu de Curitiba, que só seria inaugurada em 28 de dezembro de 1967:

Eram mais ou menos critérios políticos. Então, a decisão era do presidente da República e ele que escolhia os beneficiários, os que seriam premiados com esta estação. O presidente era Castelo Branco, quando saiu a concessão da Iguçu. E eu fui chamado, para saber se eu não queria montar esta estação de televisão. (...) Fui convidado, e o presidente Castelo Branco que me deu, em 1964.

Depois, Pimentel foi eleito governador do Paraná em outubro de 1965, pela União Democrática Nacional, com apoio de Ney Braga, que em seguida assumiu o Ministério da Agricultura do presidente Castelo Branco. Com este forte aliado em Brasília, o novo titular do Palácio Iguçu não demorou para conseguir a concessão de

²⁰ Para aprofundamento sobre a trajetória pessoal, profissional e política de Ney Aminthas de Barros Braga, indica-se a leitura dos livros *Ney Braga: Política e modernidade*, de Vanderlei Rebelo, e *Ney Braga: Tradição e mudança na vida política*, de Adherbal Fortes de Sá Júnior.

²¹ A entrevista gravada concedida por Paulo Pimentel ao autor deste artigo aconteceu em Curitiba, no dia 3 de junho de 2009, na sede do jornal OEPR; dela foram extraídas as declarações daquele ex-governador do Paraná constantes neste texto.

sua segunda emissora, a TV Tibagi de Apucarana, que seria inaugurada em 26 de julho de 1969. Como comenta Pimentel:

Em 1965, eu me elegi governador. Aí, em seguida, logo em seguida, eu era governador, o general Costa e Silva, que já era o presidente, me falou: “Bom, já que você tem uma, segue a segunda, mas tem que ser na minha linha.” Aí, eu falei: a minha linha com você é defender o estado de direito. Porque, eu tentava convencer o Costa e Silva, eu era governador, para que ele voltasse ao estado de direito; que a situação era profundamente desagradável, era sem constituição e sem nada. Aí, eu recebi a TV Tibagi.

O ex-governador Pimentel não deixa dúvida em relação às motivações políticas que norteavam as concessões de canais de TV, durante o período de governo militar:

Havia uma coleta inicial de pretendentes. Sim, havia licitação; tinham concorrentes. Em todas elas foi assim. E ia tudo para o presidente da República. Aqueles que se habilitavam iam para o presidente. Mas a decisão era exclusiva do presidente, e era política. Então, todos nós trabalhávamos politicamente. Cada concorrente achava um pistolão que precisava para conseguir. E quem tivesse mais força política ganharia. Aí, eu ganhei estas duas aqui.

Ney Braga afirmou que ajudou Pimentel na busca dos canais de TV, junto ao governo militar em Brasília:

(...) Paulo Pimentel investia pesado em comunicação. Foi o primeiro político do Paraná a profissionalizar a campanha. (...) Investiu em mídia: comprou o jornal O Estado do Paraná, depois a TV Iguazu – aliás com o meu apoio e pedido junto ao presidente Castelo Branco, sem que eu visse nisso apoio para que ele fosse governador. (...). (Sá Júnior, 1996, p. 168-169)

Apesar desta declaração e de outros indícios, Pimentel insiste em não admitir que Ney Braga tenha intercedido por ele junto ao governo militar para a conquista das concessões de TV:

(...) Eu nem falava com o pessoal do governo federal através do Ney, quando eu buscava as concessões. Ele também não pedia para mim. Ele não pedia para ninguém. Tanto que não creditou nada para ninguém. Aí, depois que eu comecei a me estruturar, ele começou a querer fortalecer o grupo do

Francisco, e aí ajudou o Francisco Cunha Pereira e o Edmundo Lemanski a comprar a Gazeta do Povo e depois o Canal 12; ele que ajudou.

Walmor Macarini, ex-diretor da Folha de Londrina, diz acreditar na versão de Ney Braga, de que este teria ajudado Pimentel a conseguir as concessões de TV em Brasília:

No início, com toda certeza sim, porque ele era um filhote do Ney. (...) E isso funcionava segundo a conveniência política, em todos os governos; no governo da revolução obviamente que Ney Braga, no Paraná, era quem mandava. O grande representante do governo ditatorial no Paraná era Ney Braga. (...) Tudo era Ney Braga; ele tinha um poder de fogo muito grande (...). A decisão era no dedo, na indicação dele, não importava, digamos assim, o suporte financeiro do grupo, não importava a garantia de implantação da tevê. O que importava era até que ponto eles, os empresários da comunicação, interessavam como políticos. (...) A concessão de TV era uma coisa muito fechada; imagine que em períodos de instabilidade política tanto antes quanto durante a revolução, eles iriam entregar, digamos, uma tevê na mão de qualquer um, e eventualmente cair em mãos de oposição. Não, o governo zelava muito por isso; era só para a patota deles.

No dia da inauguração da TV Iguçu, 28 de dezembro de 1967, bem como nos dias anteriores e nos dias seguintes, a Gazeta do Povo não publicou sequer uma nota sobre o fato. Talvez, isto tenha ocorrido por que o proprietário da nova emissora, o então governador Paulo Pimentel, fosse também dono de dois jornais concorrentes em Curitiba. Ou talvez por que os donos da Gazeta já planejassem comprar a TV Paranaense, de Nagibe Chede, o que ocorreria em 1969, aumentando ainda mais a concorrência comercial entre os dois grupos. Quando o governador Pimentel inaugurou sua segunda emissora, a TV Tibagi de Apucarana, em 26 de julho de 1969, igualmente a Gazeta não deu sequer uma linha noticiosa sobre o evento.

A Folha de Londrina noticiou com algumas notas curtas – principalmente na coluna diária “Aqui TV”, publicada quase sempre na página 12 – a entrada no ar em caráter definitivo da TV Iguçu, nos meses, semanas e dias que antecederam a inauguração e nos dias posteriores a ela. Porém, não publicou nenhum texto ou reportagem mais completa sobre o fato. E também não citou, em nenhum momento, que a nova emissora pertencia ao então mandatário do Palácio Iguçu.

Posteriormente, quando da inauguração da TV Tibagi de Apucarana, cidade 60 km a oeste de Londrina, a cobertura da Folha foi bastante mais volumosa e com maior qualidade. A segunda emissora do interior do estado, e também a segunda pertencente ao grupo do então governador Paulo Pimentel, começou a operar de maneira ininterrupta no dia 26 de julho de 1969. Mas, desde o início daquele ano, a Folha dispensou regular cobertura jornalística à compra de equipamentos, construção dos espaços no prédio sede, e contratação da equipe de jornalismo e demais funcionários. A TV Tibagi, assim como a TV Iguaçu, nasceu ligada à programação da TV Record de São Paulo. Naquela época, a TV Paranaense já era ligada à programação da TV Globo do Rio de Janeiro. O advento das redes nacionais de TV estava apenas no início.

Novamente, como já ocorrera quando da inauguração da TV Iguaçu, agora na entrada da TV Tibagi no ar a Folha de Londrina não citou, em nenhum momento da ampla e elogiosa cobertura jornalística, que a nova emissora pertencia ao grupo de comunicação do governador Pimentel. Durante algumas semanas, a Folha publicara também grandes anúncios sobre a inauguração e programação do novo canal 11. Depois, foi a vez da TV Coroados propagandear suas atrações mais constantemente nas páginas da Folha; o jornal começava a lucrar com a concorrência entre as emissoras.

O ex-diretor de redação da Folha, Walmor Macarini, explica por que o jornal não divulgava o nome de Paulo Pimentel vinculado às emissoras de televisão dele:

Eu não nego que havia uma rivalidade entre a Folha de Londrina, Gazeta e O Estado do Paraná, porque nós queríamos tomar conta do Paraná. (...) Quanto menos divulgasse a Gazeta e o Paulo Pimentel, tanto melhor para nós. (...) Era uma concorrência política e comercial, e o Milanez (dono da Folha e tio de Walmor) não gostava muito do Pimentel. (...) Ele não gostava do Paulo Pimentel, na época, isso é verdade, por causa dessa concorrência comercial; e é verdade, a Folha não dava muita cobertura às TVs do Pimentel, não.

Como era de esperar, a cobertura jornalística de O Estado do Paraná às inaugurações das TVs Iguaçu e Tibagi foi bastante grande, cheia de elogios e ufanismos. Afinal, os três veículos pertenciam ao mesmo grupo de comunicação do governador Paulo Pimentel, que era dono ainda de outro diário curitibano, a Tribuna do Paraná. Porém, a exemplo do que ocorrera na Folha – mas certamente por outros

motivos – em nenhum momento o nome do governador é citado como proprietário das duas novas emissoras de televisão, concedidas pelo governo militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta fase da pesquisa demonstrou como foi diferente e contraditório o modo de a Gazeta e OEPR, de um lado, e a Folha, de outro, registrar a primeira década da televisão no Paraná. Ao mesmo tempo em que a TV era descrita pelos jornais como um veículo da modernidade, do progresso e desenvolvimento – e tratada, por isto, como espetáculo e milagre da ciência –, às vezes ela era tomada como concorrente no plano empresarial e colocada no limbo do esquecimento pela imprensa.

Entre os dois jornais curitibanos e a Folha também foi possível encontrar diferentes posturas relativas à cobertura da estruturação da TV no estado. A Gazeta e O Estado do Paraná dispensaram menos e mais crítico espaço jornalístico do que a Folha, naqueles anos pesquisados. No diário londrinense, o espaço sempre foi maior e mais elogioso às emissoras regionais de televisão. Nos jornais de Curitiba, ficava claro o distanciamento existente entre a tradicional imprensa escrita e novo meio de comunicação, tratado normalmente como apenas instrumento de distração, lazer e negócio. Tanto que na Gazeta e em OEPR – diversamente da Folha –, durante determinados períodos, o material ligado às TVs só era publicado em forma de anúncios, dentro dos respectivos espaços pagos.

Alguns livros de memórias e as entrevistas orais com quatro personagens diretamente ligados ao tema, por sua vez – apesar de todos os cuidados que exigem em sua utilização como fontes históricas –, oferecem bons indícios e podem ajudar a entender como foram as relações políticas entre os empresários da comunicação e as autoridades do poder federal, durante as negociações para a outorga das cinco primeiras concessões de TV para o Paraná.

Negociações que só foram concretizadas – três delas sob interferência determinante do Palácio Iguazu – porque houve, tanto no período militar como no governo anterior, de Juscelino Kubitschek, reciprocidade entre os interesses

empresariais e os projetos políticos dos mandatários nacionais. Negociações que, no que possuíam de essencial, seguiram as mesmas antes e depois dos advenços do CBT e do golpe militar: o presidente da República sempre deu a palavra decisiva sobre a concessão de canais de televisão, igualmente sempre distribuídos aos seus aliados políticos.

Este estudo apenas inicial possibilitou, por outro lado, a comprovação da riqueza representada pelos jornais como fontes – inclusive pelos silenciamentos e vazios que oferecem como pistas importantes – e da complexidade da televisão enquanto objeto de interpretação historiográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÓIA, Wilson. *De Plácio e Silva – Ensaio*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, Imprensa Oficial, 2002.

BUSETTO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da História Política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (Org.). *Dimensões da Política na Historiografia*. Campinas (SP): Pontes Editores, 2008.

DE LUCA, Tania R. FONTES IMPRESSAS – História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

JAMUR JÚNIOR, José. *Pequena História de Grandes Talentos – Os primeiros passos da Televisão no Paraná*. Curitiba: Edição do autor, 2001.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. *Paraná: política e governo*. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, Imprensa Oficial, 2001.

MORAIS, Fernando. *Chatô – O rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NUZZI, Erasmo de Freitas. *A mídia nas constituições do Brasil: respeito e desrespeito*. São Paulo: Editora Plêiade, 2007.

REBELO, Vanderlei. *Ney Braga: política e modernidade*. Brasília: Editora do Senado Federal, 2007.

SANT'ANA, Hugo. *Paulo Pimentel, momentos decisivos*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2008.

SÁ JÚNIOR, Adherbal Fortes. *Ney Braga: tradição e mudança na vida política*. Curitiba: Edição do autor, 1996.

TRIGUEIROS FILHO, Marinósio; TRIGUEIROS NETO, Marinósio. *História da Imprensa de Londrina (Do Baú do Jornalista)*. Londrina: Editora da UEL, 1991.